

# Sprinkel condiciona renegociação ampla aos resultados do ajuste

por Reginaldo Heller  
do Rio

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Beryl Sprinkel, no Brasil desde a última terça-feira, afirmou, ontem, ser favorável ao reescalonamento da dívida externa unicamente a prazos curtos, isto é, a renovação anual dos juros e do principal amortizável.

Essa opinião ele contrapôs à ideia de renegociação ampla e global da dívida externa, mediante dilatação de prazos e concessão de juros mais apetecíveis. "Isto", disse ele em entrevista convocada pelo consulado americano no Rio, "ocorrerá gradualmente, à medida que os resultados da política econômica inspirem maior confiança junto aos credores." Em outras palavras, melhores condições para o pagamento da dívida advirão com a maior credibilidade dos devedores, mas sem dilatação de prazos.

Afinal, no seu entender, a recuperação econômica induzirá a um giro ("roll-over") da dívida mais facilmente. Descartou as negociações de governo a governo, pois os empréstimos são em quase totalidade com o setor privado, e negou a possibilidade de ne-

gociação com conjunto de devedores.

## ROTEIRO

Sprinkel veio ao Brasil para discutir o atual estágio de processo de ajustamento interno e as perspectivas da economia. Encontrou-se com os ministros Delfim Netto, do Planejamento, Ernane Galvães, da Fazenda, e com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, empresários e economistas, e ontem manteve prolongado encontro com o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, na Fundação Getúlio Vargas. Ele segue hoje para a Argentina e depois para o Chile e Peru.

Na entrevista, ele reafirmou sua convicção de que a economia brasileira responderá positivamente à política de ajustamento, apesar dos sacrifícios impostos, e acredita na firme determinação do governo de completar satisfatoriamente esse processo. Traçou os cinco pontos principais da estratégia do governo americano, adotada ainda em agosto de 1982, quando se verificou a eclosão da crise de pagamentos da dívida externa do mundo em desenvolvimento.

## RECEITA

A renegociação da dívida obedece a um receituário de cinco pontos: 1 — para



Beryl Sprinkel

resolver o problema do endividamento externo tornava-se, antes de mais nada, necessário assegurar o crescimento econômico no mundo industrializado sem inflação. Isso tem sido possível, como se verificou em 1983, tanto nos países que integram a OECD quanto nos Estados Unidos, e as expectativas para 1984 são de crescimento da economia norte-americana da ordem de 4,5%. Essa determinação possibilitou a expansão do comércio exterior dos países devedores; 2 — indução dos países devedores para realizarem políticas de ajustamento que restarem o crescimento auto-sustentável,

mediante a redução do déficit público (incluindo cortes de subsídios), estabilização monetária e eliminação de todos os focos inflacionários. Isso tem ocorrido em 47 países que hoje estão sendo atendidos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI); 3 — a decisão de aumentar as contas do FMI para que possa atender às necessidades dos países devedores; 4 — necessidade de se continuar a aumentar os empréstimos comerciais para os países em desenvolvimento. Afinal, não seria realístico, segundo Sprinkel, a exclusão dos créditos dos bancos comerciais; 5 — reconhecer a necessidade do governo americano de, também, emprestar aos países devedores, em momentos mais urgentes, como ocorreu com os "bridge-loans" do Tesouro e do Federal Reserve.

"Tal estratégia está oferecendo bons resultados e já estou otimista de que, dentro de um ano ou um ano e meio, a economia brasileira voltará a crescer." Finalmente, lembrou que a pressão dos juros está estritamente veiculada ao risco do credor e, por enquanto, essa é a razão para a diferença entre os juros cobrados ao Brasil e ao México.